

Apresentação

O mundo está fervilhando como um caldeirão sobreposto a uma grande fogueira prestes a transbordar. Estamos vivendo em uma época que traz em si a mais autêntica possibilidade de se efetivar uma transformação radical da sociedade. E isso está posto por diversas questões, mas fundamentalmente, porque o capitalismo criou o seu próprio cozeiro e tem tornado a vida insuportável para a grande maioria. Marx já havia alertado em seu prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política que

Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de Revolução social (MARX, 1977, p. 24).

Não estamos vivendo em um período de transformação social mas estamos vivendo um período em que a luta está iniciando um processo de radicalização. Esta radicalização tem se manifestado nas mais diversas instâncias da sociedade e em praticamente todos os países existentes atualmente. Há de um lado, os constantes conflitos que se estabelecem entre o aparato policial e a população; há de outro o aumento de uma descrença no estado, em partidos e sindicatos; e há finalmente, um movimento radicalizado que vem emergindo espontaneamente clamando por algo novo, por relações sociais distintas destas instituídas pelo capitalismo.

A consciência burguesa tem demonstrado sua força em ocultar a possibilidade do fim do capitalismo e da emergência de uma nova sociedade. Numericamente são poucos que conseguem avançar para além da educação que receberam nas instituições de ensino e compreender que o capitalismo é uma sociedade histórica e transitória, assim como o foi o escravismo e o feudalismo. Isso, no entanto, interfere na dinâmica da luta de classes e muitos acabam esperando que o estado, através de seus governos, ainda irá fazer alguma coisa para mudar este estado de coisa que está instituído em todo o mundo.

Apesar deste limite da consciência burguesa que ainda domina a humanidade atualmente, está havendo pouco a pouco a sua superação. É um processo lento mas a luta cotidiana, que têm se tornado cada vez mais árdua, está fazendo muitos avançarem e superarem as ilusões colocadas em sua cabeça. A ilusão é superável assim como o é o capitalismo. Este processo tem mobilizado muitos indivíduos para pensarem a situação atual e buscarem por alternativas para resolverem questões pontuais em sua vida cotidiana. Com isso, a população vem se submetendo a um processo de reeducação política e muitos têm chegado à conclusão que não precisam aguardar a boa vontade dos dirigentes do estado para resolver os problemas que atingem a sociedade. Ao mesmo tempo, vem se desenvolvendo de forma mais ampla uma concepção crítica a respeito do modo como a sociedade

está organizada e muitos têm notado que o estado é na realidade um empecilho para a liberdade e para a instituição de uma sociedade igualitária.

Isso tem preocupado o estado e seu principal mantenedor, a burguesia, e por isso têm buscado meios cada vez mais eficazes para amortecer a luta e impedir que se radicalize ao ponto de colocar o modo de produção capitalista em xeque. É um problema para a burguesia, pois o que está em jogo é a sociedade que criou para si; o que está em jogo são os seus privilégios, a riqueza que acumulou em suas mãos à qual se agarra semelhante a um meleta ao seu predador e pela qual faz qualquer coisa para não perder. Mas é justamente o acúmulo de riqueza que cria as próprias condições para, contra a sua vontade, ser coletivizada.

O acúmulo de riqueza tem criado um mundo em que poucos têm o privilégio de ter muito, o que significa que pode desfrutar de tudo que se produz e ter acesso ao que proporciona os mais modernos meios tecnológicos já criados, e de outro há uma multidão que se quer desfrutem do mínimo para sobreviver. Esta é a situação criada pela burguesia e defendida com unhas e dentes pelo estado. Esta realidade não poderia dar em outra coisa, a não ser, na luta desapietada para sua abolição, realizada principalmente por aqueles que atuam na esteira da produção; por aqueles que sofrem cotidianamente o peso da fome; que sofrem a violência realizada pela burguesia e pelo estado; que vê a possibilidade do fim da própria vida por não ter condições de comer, de se livrar da depressão decorrente do vazio que a vida atual representa, de não ter condições de arcar com despesas médicas etc.

É este o estado de coisas que se vive atualmente. É este o estado doentio que foi criado pelos capitalistas e é mantido pelo próprio estado. Diante desta realidade, não há outra alternativa, senão, lutar por sua abolição. É com este objetivo que vem despontando mundialmente uma força contrária ao capitalismo. Esta força brotou no seio da classe operária com o alvorecer do capitalismo e tem ganhado adeptos em todo o mundo. Atualmente os indivíduos que integram a luta revolucionária são fundamentais para divulgar a concepção que a luta revolucionária do proletariado tem desenvolvido sobre o capitalismo, conseqüentemente, sobre o seu projeto de sociedade. Ainda são poucos os que têm clareza sobre este projeto mas a necessidade de buscar alternativas para uma vida distinta da atual têm feito muitos se encontrarem com a teoria revolucionária do proletariado e fazer desta a sua arma de luta e levar outras pessoas a aprofundar em sua compreensão.

Estamos ainda caminhando a passos lentos em sua compreensão, mas bem mais rápido do que em épocas anteriores. Com a radicalização da luta que têm tomado conta da luta cotidiana a aceitação de suas prerrogativas está avançando o que altera a dinâmica da luta de classes com o fortalecimento da luta do proletariado, o único que detém a força capaz de criar uma nova sociedade. Além da ação de militantes revolucionários, estamos notando um aumento da crítica à burocracia estatal e às suas derivações de forma geral; está havendo um crescimento da descrença no capitalismo

e muitos têm se perguntando se não é possível uma vida distinta desta que se mantém sob as rédeas do capitalismo.

É no sentido de contribuir fundamentalmente com a radicalização da luta operária, com a superação da consciência burguesa, com a divulgação e aprofundamento da teoria do proletariado e com o esclarecimento sobre o projeto de sociedade da classe operária, que a Revista Espaço Livre vem mais uma vez oferecer sua pequena, porém, importante contribuição na luta pela emancipação humana.

Nesta edição não vamos nos alongar descrevendo o conteúdo que cada autor apresentou nos artigos que compõe este número. Ressaltamos que encontramos aqui uma importante contribuição para esclarecer alguns fenômenos que integram o cotidiano da vida no capitalismo. É nesse sentido que a revista inicia sua edição com uma abordagem sobre a distinção entre os movimentos sociais e os movimentos de classes, apresentada por Nildo Viana; posteriormente há um artigo de Edinei Vasco que trata da relação entre o freudo-marxismo e educação na concepção de Erich Fromm; em seguida há uma discussão apresentada por Eliane de Jesus a respeito da ideia de inserção presente na educação de jovens e adultos; na sequência Diego de Moraes faz uma análise sobre a crítica ao elitismo da universidade brasileira realizada por Álvaro Viera Pinto; Depois Jean Santana trata sobre a relação entre capitalismo, estresse e doenças; o penúltimo texto é uma contribuição de Edmilson Borges, que aborda a situação vivida pelas comunidades rurais de Serra das Araras diante do avanço do capitalismo sobre o campo e finalmente, este número encerra-se com um texto de Paul Mattick a respeito de Lênin e a sua lenda.

O desejo que aqui fervilha é o mesmo que faz aumentar o fogo que alimenta o fervor do caldeirão que nos referimos no início desta apresentação. O desejo de que a classe operária venha tão logo a instituir um processo revolucionário é o que move este “Espaço” que busca se manter “Livre” da concepção burguesa. As possibilidades para o sucesso da luta revolucionária em abolir o capitalismo já estão a muito tempo colocadas. Enquanto esta luta final não têm início, continuemos com o propósito de intensificar as contribuições para que tão logo inicie o processo revolucionário.

Aos leitores e a todos aqueles que acompanham a Espaço Livre, o conselho editorial deseja uma boa leitura.

Referências bibliográficas

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

*Conselho Editorial
Revista Espaço Livre*